



Newsletter da Paróquia

Nossa Senhora da Penha de França

Newsletter nº 5 – junho 2020

Reflexões

por Luís Barosa

Pandemia, confinamento, desconfinamento. Tempos diferentes estes que estamos a viver. No mínimo, confusos. São tempos de medo deste vírus que não se vê, mas cujos efeitos amplamente divulgados nos têm levado a viver um verdadeiro auto de fé. Acreditamos que muitas das consequências que temos experimentado e tanto alteraram as nossas vidas são fruto deste ente invisível, que assumimos, anda por aí. Não o vemos, mas temos fé que nos pode pôr doentes e matar e que fez parar o mundo, deixando tanta gente desempregada, com fome e na miséria. Essencialmente, acreditamos porque as autoridades de saúde assim o disseram e o governo decretou a partir daí. A fé parece ser isto mesmo – um abraço na escuridão. Aceitar que existe uma força invisível que nos destrói e pôs o mundo inteiro fechado, em casa, a confinar.

É esta a mesma fé que nos leva a acreditar em Deus? Acreditamos no Deus invisível cujos frutos se fazem sentir nas nossas vidas? No amor que experimentamos quando nos aproximamos de Deus, no Sacrário? Quando acreditamos na ressurreição e na vida eterna? É mais fácil ter fé pelas evidências do vírus invisível que mata, testemunhado por médicos e por estatísticas divulgadas à exaustão através dos media, ou ter fé pelas evidências de milhões de testemunhos e sinais dados ao longo de vinte séculos, sendo que tudo começou com o testemunho do próprio Deus feito Homem, Nosso Senhor Jesus Cristo?

De facto, não são atos de fé de dimensões comparáveis.

Até poderíamos chamar fé a este exercício dialético da nossa razão que nos impulsiona, por curiosidade, no sentido de Deus, à semelhança do que fazemos a respeito do vírus. Seria uma forma de Lhe dizer “estou aqui com curiosidade à Tua procura, será que existes mesmo?”.

No entanto, a grande diferença é que a Fé em Deus é um dom que nos é dado por Deus, Espírito Santo. É uma força interior, um desejo ardente que Deus coloca no nosso coração e nos atrai para Si, para o seio da Santíssima Trindade.

Com mais tempo passado em casa, tive oportunidade de me confrontar comigo próprio, com as minhas reflexões, o meu papel na vida, no meio ambiente, no mundo, ou no plano de Deus.

Muitas vezes me perguntei o que poderia fazer para ajudar, para ser útil à sociedade? Sem dúvida, olhar para quem está ao meu lado, para quem está próximo, para quem está mais só e necessitado, talvez à distância de uma conversa telefónica. É na realização desta resposta, que concretizo o reencontro comigo, com o próximo e com Deus.

Não é preciso estar na primeira página do jornal para heroicamente servir o próximo. Tenho presente o que nos ensinou Jesus, quando lavou os pés dos apóstolos (Jo. 13) e a ideia de que posso ser o herói de um sem abrigo, da minha família, do meu bairro, do meu grupo de amigos, da empresa onde trabalho, servindo-os. Basta saber ser de Cristo, no local onde sou colocado.

De facto, aqueles dias de confinamento foram invadidos por notícias sobre os grandes heróis da pandemia, nas histórias que correram jornais, televisões e redes sociais, com idêntica velocidade com que se propagava o vírus. Muitos deles, certamente, pessoas fantásticas de que vale a pena conhecer o exemplo.

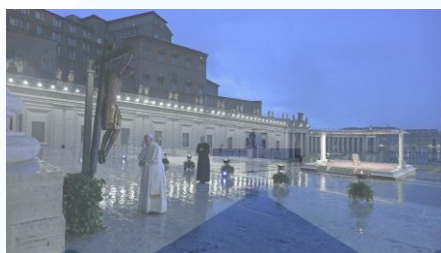
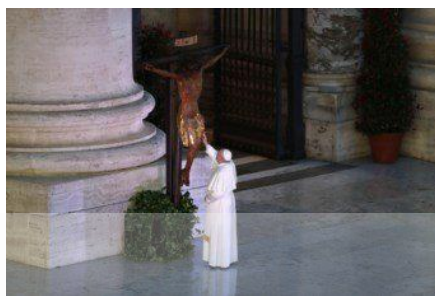
No entanto, entre tantos heróis e momentos de luta exemplar para ajudar o próximo, houve um que se destacou e que sem dúvida ficou para a História: o Santo Padre sozinho, na Praça de São Pedro, a rezar pela cura do mundo, ou seja, pelo perdão dos pecados do mundo.

Não sei se o mundo terá tido consciência da dimensão deste ato de fé planeado e lançado como desafio ao mundo pelo Santo Padre.

Primeiro, concedeu a cada um de nós a possibilidade de alcançar o estado de graça pelo sacramento da confissão, por meio de um diálogo íntimo e direto com Deus Pai, bastando para isso o sincero arrependimento dos nossos pecados, a intenção de não os voltar a cometer e a predisposição de os confessarmos presencialmente, assim que possível.

Com o perdão assim concedido a tantos milhões de católicos, o Santo Padre juntou o mundo à sua volta, na maior enchente que a vazia Praça de São Pedro alguma vez teve, e absolveu os pecados de todos, com a oração penitencial

por ele rezada aos pés do Crucifixo Milagroso que mandara vir da Igreja de São Marcello al Corso, completando a solenidade com uma bênção 'urbi et orbe' extraordinária, com indulgência plenária.



(Fotos retiradas do site Vatican News)

“Em verdade vos digo: tudo quanto ligardes na terra será ligado no céu e tudo quanto desligardes na terra será desligado no céu.” (Mt. 18, 18).

Numa quaresma atípica, o Santo Padre lembrou o mundo em sofrimento que a Cruz tem uma força redentora.

Vivi esta Páscoa da ressurreição de Jesus quase como na primeira Páscoa vivida no Egito (Ex. 12): fechado em casa, de rins cingidos, cruz no umbral da porta e janelas, em sinal de esperança.

Passei o mês de Maio, o mês de Maria, com o terço na mão e o coração em Fátima, com a esperança crescente do reencontro com a presença real de Nosso Senhor Jesus Cristo, no Sacrário. Senti tanto a Sua falta!

Continuo a rezar o terço, como pediu Maria aos pastorinhos de Fátima, na aparição de Outubro de 1917: “... Sou a Senhora do Rosário ... continuem sempre a rezar o terço todos os dias.” E para reforçar este pedido, antes de se despedir dos pastorinhos e de mostrar o milagre do sol, disse-lhes: “Não ofendam mais a Deus Nosso Senhor que já está muito ofendido.”

O perdão dos nossos pecados, naquela sexta feira solitária do Papa, na Praça de São Pedro, foi um bom ponto de partida para desagravar as ofensas que mantêm Deus afastado de nós. Lavou-nos, como a bons filhos, para estarmos apresentáveis para a vinda do Senhor, na ressurreição. Há que perseverar nesta senda de perdão, para que Deus se possa fazer cada vez mais presente.

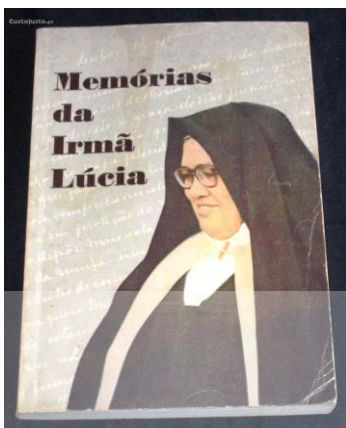
De momento, estamos a desconfinar (estou quase certo que esta irá ser a palavra do ano 2020). Em mais um acto de fé, acredito que este é um bom momento para me aproximar fisicamente de Deus. Terei presente, em especial, o domingo da Santíssima Trindade (7/6).

Vou-me confiar, de novo, ao Sagrado Coração de Jesus (19/6) e ao Imaculado Coração de Maria (20/6), como feito recentemente por D. António Marto, em Fátima.

Peço a intercessão dos tão queridos Santos do mês de Junho – Santo António de Lisboa (13/6), São João Baptista (24/6), São Pedro e São Paulo (29/6).

Que Deus nos abençoe.

Proposta de Leitura



A Irmã Lúcia, a mais velha dos videntes de Fátima, viveu em clausura, tendo completado o seu tempo entre nós, no Carmelo de Coimbra. Apesar de isolada por vontade própria, sempre obedeceu à hierarquia da Igreja, tendo escrito as suas Memórias em resposta a perguntas que lhe foram sendo colocadas pelo seu Bispo, ao longo do tempo. É um documento histórico de grande humildade e extraordinária riqueza que descreve, na primeira pessoa, as aparições de Fátima.

Proposta Cultural

Propomos uma visita virtual ao Museu do Vaticano que, nestes dias de confinamento, “abriu” portas a todos os que sentem saudades das suas viagens culturais.

<http://www.museivaticani.va/content/museivaticani/en/collezioni/musei/tour-virtuali-elenco.html>

Se quiser, acompanhe a leitura e visita ao museu do Vaticano, com a magnífica mezzo-soprano Cecilia Bartoli, a cantar música de Vivaldi.



Sintoniza-te e partilha conosco:

<http://www.paroquiapenhadefranca.com>

Gostaria de receber a newsletter? Registe o seu endereço de e-mail no site.

Facebook: *Paróquia Nossa Senhora da Penha de França*

E-mail: ecos.paroquia@gmail.com